

## **O ESPAÇO AGRÁRIO E A AGRICULTURA FAMILIAR NO VALE DO SÃO FRANCISCO NA BAHIA: UMA PERSPECTIVA DE GÊNERO NO ASSENTAMENTO BELA VISTA EM JUAZEIRO**

**Jamile Pereira Santos<sup>1</sup>; Dermeval Passos da Hora<sup>2</sup>**

1. Bolsista PIBIC/CNPq, Graduando em Ciências Econômicas, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: jammile.pereira@gmail.com
2. Orientador, Departamento de Ciências Sociais e Aplicadas, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: dermepassos@yahoo.com.br

**PALAVRAS-CHAVE:** agricultura, mulheres, assentamento.

### **INTRODUÇÃO**

A via de desenvolvimento agrícola com base na produção familiar está bloqueado no Brasil e em muitos outros países da América Latina devido a consolidação dos preços relativos que não refletem as dotações reais de fatores, mas resultam basicamente do acesso desigual à terra e ao crédito subsidiado.

Focando nas mulheres trabalhadoras que formam parte do processo de luta pela terra, em condição de acampadas, assentadas ou militantes de movimentos sociais rurais, é importante destacar que estas enfrentam opressões diferenciada às dos seus companheiros. A opressão de gênero dificulta, e muito comumente impossibilita a plena participação das trabalhadoras na vida pública e política dos acampamentos e assentamentos rurais.

Uma perspectiva de gênero aplicada as questões ligadas a agricultura no assentamento Bela Vista no município de Juazeiro como objeto de estudo deveu-se aos seguintes fatores. Primeiro, nos processos através dos quais vêm se dando a modernização das atividades agropecuárias, tem-se verificado fatores que atuam no sentido de marginalizar o trabalho feminino, o que parece uma ambiguidade, na medida em que os dados oficiais e estatísticos mostram uma crescente participação das mulheres no mercado de trabalho rural. Segundo, os programas das políticas agrícolas e agrárias oficiais não levam em conta as especificidades do trabalho feminino, praticamente exclui as mulheres dos espaços produtivos. Por estarem vinculadas ao mercado externo de menor representação política e ficarem à margem das decisões políticas institucionais nunca foram contempladas pelas políticas públicas.

Desta forma, este trabalho busca analisar os fatores que limitam a contribuição das trabalhadoras rurais na vida pública e política dos acampamentos, compreendendo as barreiras de gênero que dificultam ou até mesmo impossibilitam o acesso a terra pelas acampadas e assentadas, estudar as formas de integração política e econômica das mesmas, assim como discutir as mudanças protagonizadas pelas mulheres trabalhadoras no contexto rural brasileiro através da sua integração nos movimentos sociais.

Esta pesquisa justifica-se na medida em que busca contribuir para o debate de conceitos relacionados com gênero e agricultura, a partir de uma situação concreta detectar fatores que atestem a importância da participação das mulheres rurais no trabalho e na política, assim como empreender uma análise econômica mais detalhada da

situação dessas trabalhadoras, através do entendimento dos problemas e potencialidades e do resgate, por meio do recorte de arranjos produtivos locais.

## **METODOLOGIA**

O processo de investigação será constituído de uma pesquisa bibliográfica e documental complementadas com entrevistas semi abertas com trabalhadoras rurais e com observações diretas em visitas nos assentamentos. Será composto por 4 etapas, sendo estas: coleta de dados estatísticos, estudos etnográficos, e revisão bibliográfica .

- 1) Coleta de dados estatísticos: baseia-se fundamentalmente na análise de dados censitários ou dados quantitativos fornecidos por instituições como: IBGE, Censo Demográfico, Censo Agropecuário.
- 2) Estudos etnográficos: busca-se dar conta da experiência feminina no trabalho e na política através da apreensão de seus significados ao se aproximarem da realidade vivida pelas mulheres rurais, fazendo emergir situações e acontecimentos que não são possíveis representar a partir dos conceitos e teorias mais comumente utilizadas.
- 3) Revisão bibliográfica: será levantado dentro da literatura disponível, trabalhos que possam fornecer os elementos teóricos necessários para análise e interpretação da realidade que pretende-se investigar. Busca-se formular um referencial sobre as trabalhadoras rurais no assentamento Bela Vista em Juazeiro da Bahia.
- 4) Sistematização de dados: A partir do levantamento documental, da coleta de dados primários e estatísticos, será gerado um banco de informações que guiará o desfecho da pesquisa.

## **RESULTADOS**

Ao longo dos anos nota-se uma subestimação do trabalho feminino rural que é abordado como invisibilidade pelos estudos de caráter feminista. É tido como invisível o trabalho que as mulheres desenvolvem na roça junto com o marido e os filhos, e que é considerado como “ajuda” ou “ trabalho complementar”. Apesar da importância e integração das mulheres para integração do mundo rural e de sua própria família, ainda não são devidamente reconhecidas como uma categoria de trabalho. Buscam esse reconhecimento através do mundo da política, organizando-se, mobilizando-se e lutando por questões específicas como inscrição nas frentes de trabalho, sindicalização, cadastro familiar da terra entre outros.

Portanto, ainda são fortes os padrões de organização produtiva e os significados que compõem as representações sobre trabalho rural que desqualificam e invisibilizam o trabalho feminino rural, convertendo-se em elementos que reproduzem a subordinação das mulheres. Este cenário se contradiz a medida que os dados comprovam a crescente participação das mulheres no setor rural.

### **Porcentagem de Mulheres na PEA Rural, Brasil**

ANO	1940	1950	1960	1970	1980	1990	1993
%	22,9	21,9	21,8	25,9	25,5	29,0	38,0

Fonte: Censos Demográficos 1940/50/60/70/80 e PND's 1990/93

A tabela acima mostra claramente que o trabalho feminino no Brasil é uma presença crescente, embora continue minoritária em relação ao conjunto da mão de obra agrícola. Permanece em torno de um quinto da PEA rural entre os anos de 1940 e 60, apresentando um crescimento significativo nos anos 70, mantido nos anos 80, intensificando seu incremento em 1990, principalmente nos três anos seguintes quando em 1993 experimenta um aumento de 11 pontos percentuais.

O aparecer ou invisibilidade das mulheres rurais como trabalhadoras não é um fato óbvio ou uma relação automática entre sua presença na força de trabalho e a sua representação gráfica, mas uma condição na qual essas mulheres se tornam aptas a aparecer publicamente. Essa condição não é espontânea nem sistêmica, mas produto das ações de vários agentes que vêem e escutam essas mulheres, atestando sua existência social. Criam-se imagens e discursos sobre trabalhadoras rurais, decorrentes não apenas das suas condições de vida, trabalho e organização, mas também da textura das relações que estas mantêm com outros agentes como intelectuais, sindicalistas, feministas, imprensa, igreja, partidos políticos, governo e outros. Imersas em novas contradições, as mulheres passam a se organizar, mobilizando-se na luta por direitos, enfrentando as velhas práticas sindicais, a precariedade dos serviços públicos e a falta de direitos específicos, para se tornarem cidadãs.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em geral, os estudos acadêmicos analisam o aumento do trabalho feminino rural a partir dos elementos e da dinâmica do processo de modernização da estrutura produtiva agrícola. Assim, a expansão capitalista do campo e a conseqüente proletarização dos pequenos produtores levam as mulheres a realizar trabalhos fora de casa, ou da pequena produção, possibilitando-lhes uma consciência de seu trabalho. Ou seja, a individualização da força de trabalho feminina revela a importância e o caráter do trabalho que as mulheres realizam.

Sem dúvida nos deparamos com as condições de subjetivação das mulheres rurais, cujo cotidiano estrutura-se em articulação com as formas de organização da estrutura produtiva e as representações e práticas envolvendo a configuração do feminino e do masculino, presentes na vida rural. O dia a dia dessas mulheres é um ininterrupto de trabalho no qual se acumulam várias jornadas.

Diante do cenário de invisibilidade de sua força de trabalho, as mulheres estão entrando no mercado de trabalho assalariado e buscando outras atividades complementares para realizar, como artesanato, costura, frequentemente participam de pequenos grupos de geração de renda ou roças comunitárias. Outras ainda realizam papéis importantes em cooperativas, sindicatos, serviço de saúde entre outros. Há ainda as que enfrentam o mercado de trabalho, passando a ser assalariadas, onde experimentam uma precariedade maior, com taxas menores de carteiras assinadas e menores salários.

### **REFERÊNCIAS**

ANTUNES, R.1999. Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo.

BOGO, A.2000. O MST e a Cultura. Caderno de Formação, nº 34. São Paulo, Editora Peres.

PEREIRA, H (Orgs.). 2000. Agricultura familiar nos assentamentos rurais: as relações entre mulheres e homens. O caso do Pontal de Paranapanema. Rio de Janeiro, FAO/INCRA.

MARTINS, J.S. 2000.Reforma Agrária. O impossível diálogo. São Paulo. Record.